

BRASIL-PORTUGAL

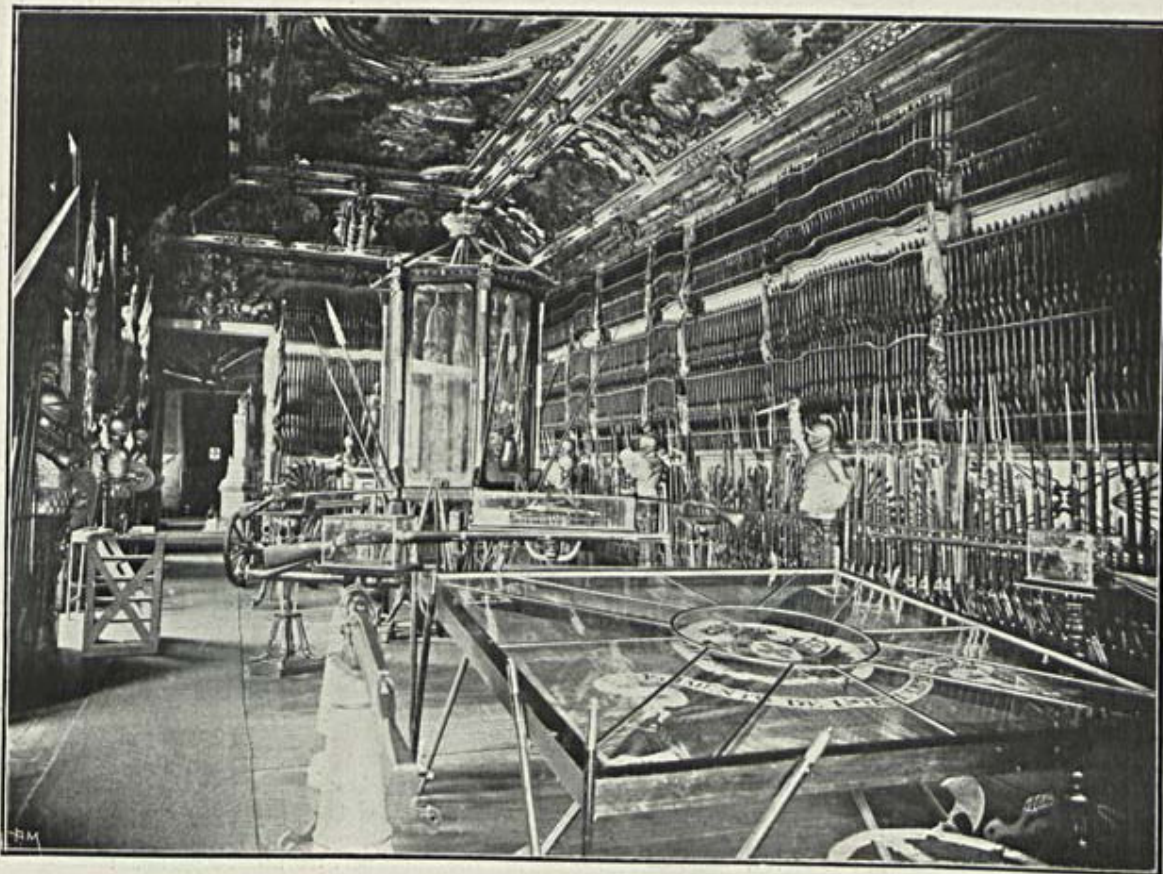
Fundador — Augusto de Castilho.
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô Tavares.
PROPRIETARIA — A. empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JULHO DE 1912

N.º 323

Assumptos militares

□ Museu de Artilharia



A sala D. Maria II

(Phot. de A. C. Lima)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de julho de 1912

BERNARDINO MACHADO

Portugal e Brasil

A VULTA, sobre os acontecimentos que assignalaram a quinzena finda, a partida para o Brasil, do dr. Bernardino Machado.

Foram despedir-se d'elle, em grande numero, os seus correligionarios e os seus amigos. Vivas effusivos lhe foram erigidos no momento em que levantou ferro o *Arlanza*, que, ao fazer a primeira viagem á America do Sul, levava a seu bordo para as terras brasileiras o ministro portuguez.

Dias antes, em reuniões e banquetes, o Presidente da Republica, os membros do governo, os correligionarios politicos, os representantes da agricultura, da industria e do commercio, saudavam-n'o como aquelle que tinha corajosamente assumido a responsabilidade da mais alta missão que pela Republica fóra confiada a um dos seus marechaes.

De facto, outra coisa não queria dizer, não podia ter outra significação, a longa serie de manifestações de toda a ordem que foram, por assim dizer, o baptismo d'essa investidura official.

Varios ministros teem já sido no novo regimen nomeados para diversas legações, sem exceptuar a do Brasil, á frente da qual estivera durante mezes outro marechal politico, e, comtudo, nem mesmo no dia em que este partiu de Lisboa para ir occupar o seu posto diplomatico, no Rio de Janeiro, nem quando os primeiros representantes de Portugal republicano fóram assumir o exercicio das suas missões na França republicana, na Inglaterra alliada, na vizinha Hespanha, nem mesmo, em qualquer outra conjunctura, se viu cercado um homem publico, ao deixar o seu paiz, de tantas effusões de estima, de tão accentuadas manifestações de confiança.

E' certo que para as homenagens prestadas concorre em grande parte a personalidade de homenageado; é certo que não conhecemos quem reúna mais elementos de atracção, quem saiba, no tracto social, dispor de taes requintes de affabilidade, quem tenha o poder suggestivo de effectivar e valorisar a velha phrase portugueza: «*mettre a gente no coração*». Em geral, no *charmeur*, ha muito de artificioso, de procurado, mas quem, como eu, conhece ha longos annos o actual representante portuguez no Rio de Janeiro, quem o apreciou na convivencia familiar, e especialmente nessas adoraveis e artisticas reuniões do conde de Monsaraz, precedidas do jantar de familia, onde, como se da familia fossemos, tinhamos o nosso lugar marcado, quem na intimidade d'essas palestras, ouvia o dr. Bernardino Machado divagar sobre coisas d'arte ou de litteratura, ou formular aspirações liberaes — que ainda no seu espirito estavam longe da fórmula republicana — ou enlevar-se ternamente — como bom pae que era — nas precoces revelações de espirito com que o pequeno Alberto Monsaraz, que havia de ser mais tarde o gentil poeta do *Sol creador*, encantava os nossos ouvidos fascinando-nos a observação attenta, quem de tão longa data o conhece e trata, facilmente averigua que não ha *tour de force*, que não ha artificio, nessa cordealidade que attingiu as proporções de proverbial, tão duradoira, tão franca atravez de tudo, sempre a mesma, em todas as phases da vida, em todos os meios sociaes, que até se apoderou d'ella, explorando-a no *suelto*, no palco, na gazetilha, na caricatura... a *charge*.

Pois não quero passar adiante sem registar esta opinião minha: que essa qualidade moral é uma força, crédora de louvores e acatamentos.

«A mais alta missão da Republica» — escrevi acima — e já prevejo os sorrisos e os desdens d'aquelles que talvez se julguem lesados pela phrase, visto occuparem ou haverem occupado postos proeminentes nos governos do paiz. Que querem dizer então todas as manifestações que alvejaram o representante portu-

guez no Brasil? Que quer dizer este forte incentivo, este poderoso estímulo, partindo das forças vivas da nação? Que quer dizer o facto occorrido no governo anterior — que passou quasi despercebido — de ter ido uma commissão de industriaes e negociantes solicitar do ministro dos estrangeiros que empregasse toda a sua acção e influencia para que fosse occupar immediatamente o seu posto no Rio o ministro de Portugal?

Quer dizer muito simplesmente que o commercio, que a industria, que a agricultura, que todas essas forças vivas, querem mais administração e menos politica, mais juizo e menos destempêros, menos fogachos e mais bom senso. Quer dizer que para a solução do problema portuguez, social e economico, o Brasil não é factor que se ponha de parte. Quer dizer que os duzentos mil portuguezes que no Rio de janeiro labutam e mourejam, que os dois milhões de portuguezes espalhados por todo o territorio da Republica brasileira, são parte integrante da patria, apesar de afastados d'ella, porque a alimentam com o seu trabalho, a regam com o seu oiro, a desenvolvem e engrandecem com as transacções do seu commercio. Quer dizer que se ha politica nacional é aquella que em vez de irritar, em vez de scindir, trate pelos meios de atracção, de persuasão, de tolerancia, de diplomacia, de habilidade, de approximar, de unir, de conjugar as vontades dispersas e contrarias num esforço unico: o de beneficiar a patria. Quer dizer que para attingir este desideratum, não ha criterio que baste, porque perante tamanho objectivo, até sacrificios se impõem, devendo ser o maior de todos recalcar paixões politicas, não ter pruridos de represalias, evitar cautellosamente o emprego de qualificativos, de palavras, de apreciações que firam susceptibilidades, agravem opiniões preconcebidas e apaixonadas, e preparem desforras commerciaes que venham sangrar o thesouro publico e a vida nacional.

Este perigo enunciou-se, mais do que isso, iniciou-se e não é preciso pôr mais na carta em justificação das palavras acima, que deixarão, sendo ponderadas, de irritar vaidades.

São essas forças vivas do paiz que, pelo que manifestaram agora, consideram a missão do sr. dr. Bernardino Machado a mais alta que a alguém podia confiar a Republica no momento que atravessamos.

Elle levou consigo, para lá do Atlantico, a confiança de muitos, a esperança de alguns, quem sabe se a duvida e a desillusão da maior parte! Triunpho, se o obtiver, será o maior que póde ambicionar um servidor do regimen. Mas se com todo o poder das suas faculdades de atracção, se com todos os esforços da sua diplomacia, não conseguir apaziguar as ondas revoltas, nem voltar á patria empunhando nas mãos, que seriam benemeritas, o ramo d'oliveira que num banquete em sua honra annunciou e prometeu ás associações, a todos poderá causar desillusão e surpresa, menos áquelles que conhecendo a situação, sabem que são necessarias forças quasi sobrehumanas para dominá-la.

JAYME VICTOR.

APPARIÇÃO

Pelas espadas que tu tens no peito,
Pelos teus olhos roxos de chorar,
Pelo manto que trazes de astro feito
Por esse modo tão lindo de andar;

Por essa graça e esse suave geito
Pelo sorriso (que é de sol e luar)
Por te ouvir assim sobre o meu leito
Por essa voz, baixinho: «Ha de sarar...»

Por tantas benções que eu solto n'alma
Quando chegando vens, assim tão calma,
Pela cinta que trazes, côr dos céus;

Adivinhei teu nome, Apparição!
Pois consultando manso o coração
Senti dizer em mim «Mãe de Deus!»

ANTONIO NOBRE.

Almirante Augusto de Castilho

«Ditosa patria, que tal filho teve!»
(Luz. C. VIII)

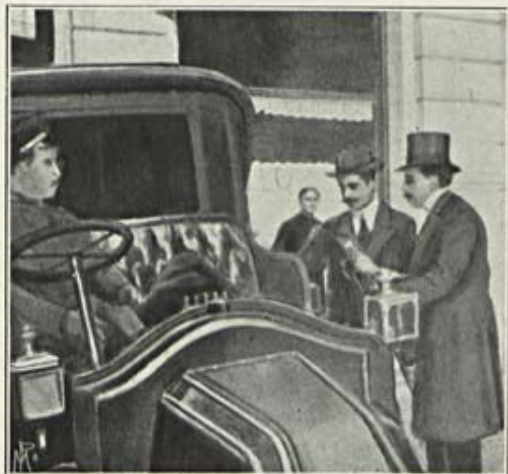
Foi Goa a primeira colonia onde ensaiei os meus passos na carreira da marinha ha mais já de meio seculo, e nunca mais lá voltei apesar de me chamar lá o meu coração. — Assim nos escrevia, não ha muito, o almirante Castilho, falando d'esta terra

traçadas essas palavras, tão francas, tão singelas, tão puras, mas que encerram conceitos de valor, e teem uma significação assás lisonjeira para os tempos que já lá vão.

Não são, essas palavras, filhas de simples devaneios de juvenis enthusiasmos; mas, sim, uma confissão franca e sincera que fluiu dos bicos da penna d'aquelle a quem a idade, a experiencia, a cultura, só mui reflectidamente a poderiam deixar fazer, e fê-la, com uma singeleza que encanta, com a sinceridade que consola e nos enthusiasma!

Castilho esteve em Goa, quando governava a India o Conde de Torres Novas. Veiu em aspirante da marinha, na fragata *D. Fernando*. Era muito novo, todo cheio de esperanças, ambicio-

O novo ministerio



Os srs. Duarte Leite, ministro do interior
e Augusto de Vasconcellos, ministro dos negocios
estrangeiros



Os srs. Vicente Ferreira, ministro das finanças
e Fernandes Costa, ministro da marinha

que lhe deixou tão suaves recordações da sociedade, que ainda n'esse tempo, ha meio seculo, sabia prender com os elos de bi-

nando saber, ansioso de conhecer esta necropole de heroismo luzitano, o rincão amado do Albuquerque; — envolver-se na atmos-



Os srs. Fernandes Costa, ministro da marinha, Cer-
veira de Albuquerque, ministro das colonias, Au-
relino Ferreira, ministro do fomento e coronel
Barreto, ministro da guerra.



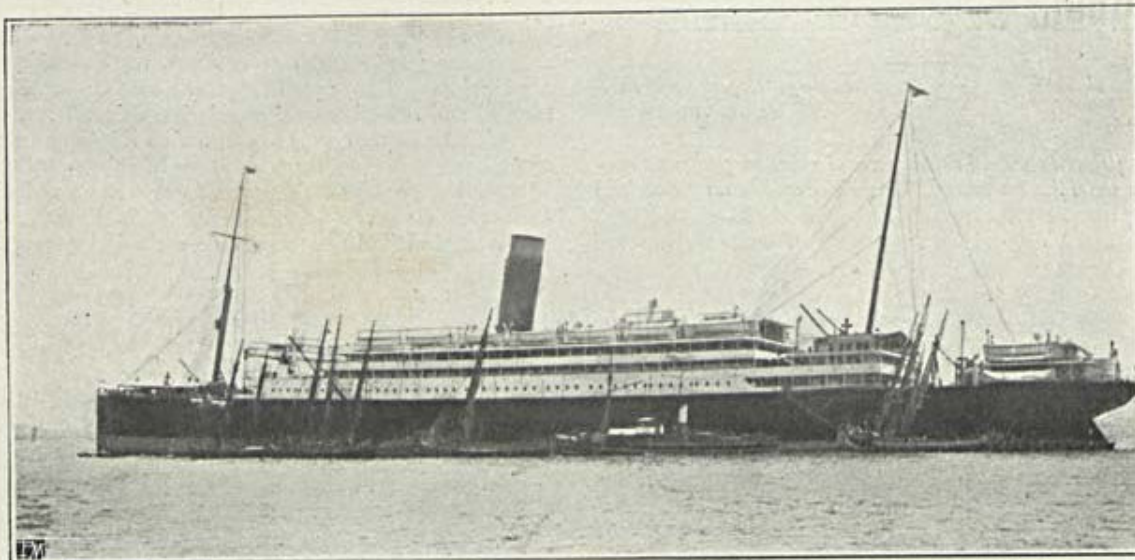
Os srs. dr. Correia Lemos, ministro da justiça
e coronel Barreto, ministro da guerra

(Phot. de ***)

zarro acolhimento os que o Mandovy deixavam com o peito cheio d'um mundo de saudades para voltar às margens do Tejo.

Dorme, hoje, tranquilo, sob a fria campa, o homem que deixou

phera que sugeriu no portentoso cerebro do heroe a idéa do imperio oriental; admirar as velhas ruinas, essas paginas de pedra, que em linguagem muda, mas eloquente, dizem muito, e muito alto clamam as nossas glorias; admirar as serenas aguas do Mandovy, que meigamente embalaram as naus e caravelas dos ousados marinheiros; posar os olhos n'estes campos, que sorveram rios de

O paquete **ARLANZA**, da Royal MailUma visita ao **ARLANZA**

Os credits de grande companhia internacional de navegação acaba de robustece-los a Royal Mail Steam Packet Company com a aquisição do paquete Arlanza, que passou ha poucos dias em Lisboa, na sua primeira viagem á America do Sul.

Construido nos estaleiros dos srs. Harland & Wolff, Ltd., o Arlanza é um barco formidavel, porque tem 15:000 toneladas, e é ao mesmo tempo um navio moderno, elegante, realisando todas as condições de conforto, de commodidade, de luxo; e o dernier cri da navegação.

Visitámo-lo attentamente no dia em que elle estava fundeado no nosso Tejo, e podemos portanto affirmar que nenhum lhe leva a palma entre quantos nos teem visitado pertencentes ás diversas companhias.

O Arlanza pôde transportar 1:760 passageiros, 640 na 1.ª classe, 120 na 2.ª e 1:000 na 3.ª. As luxuosas cabines, o sumptuoso salão de jantar, a cujas mesas se podem sentar 378 commensaes, as salas de jantar das creanças, as salas de leitura e recreio, o gymnasio, as condições de ventilação, a profusão da luz electrica, é tudo isso a justificação plena do que affirmamos, ao collocarmos no primeiro plano dos grandes paquetes internacionaes o Arlanza, cuja gravura publicamos hoje n'esta pagina, para que os leitores do Brasil-Portugal, que não tenham como nós o ensejo de visita-lo, possam, atravez da photographia, admira-lo na sua vastidão e na elegancia das suas linhas.

A Royal Mail, e os seus dedicados agentes em Lisboa, os srs. Rawes, devem estar satisfeitos por verem tão poderosamente firmados os credits da companhia.

Partida para o Rio de Janeiro do novo ministro de Portugal no Brasil, dr. Bernardino Machado



O dr. Bernardino Machado despedindo-se ao dirigir-se para o **Arlanza**, das pessoas que o acompanhavam

(Phot. de * * *)

sangue heroico; estender a vista pelo horisonte, volvendo ao longinquo passado á busca de tantas esperanças sepultas, tantos trabalhos desfeitos, o desmornar da gigantesca obra dos «varões assignalados», reduzida ao nada.

Diz-se, e é certo: que o genio, as qualidades e as grandes virtudes são attributos que dos paes os filhos recebem. E Castilho herdara-o do pae, de Antonio Feliciano de Castilho, d'esse cego, que mais vidente nunca o houve em terras portuguezas; d'esse homem em que a luz toda, que um terrível mal lhe roubou dos olhos, multiplicou-lhe o genio no cerebro; d'esse que foi o nosso Homero na poesia, um santo na bondade, um mestre na pedagogia; do lyrico que viu com os olhos da alma as maravilhas da criação e cantou-as; d'esse a quem os pequeninos tanto devem, por lhes ter aplanado as difficuldades com que luctavam na aprendizagem da leitura.

Por tudo isto condecoraram-no com o titulo de visconde. Banal compensação a tão grandes meritos. Castilho sempre será Castilho: o poeta genial, o pae e esposo amantissimo, o carinhoso amigo das creanças.

Por singular destino da sorte seu filho adquiriu jús ao mesmo conceito. E' a lei hereditaria que é imutavel para o bem ou para o mal. O almirante Castilho será lembrado hoje e sempre pelos seus actos, em que o coração foi a sua bussola, o unico guia por que se norteou.

O episodio do Rio de Janeiro, durante o governo do marechal Floriano Peixoto, prova, evidentemente, que n'elle dominava mais o coração, e sempre grandes e boas são as obras que d'elle dimanam.

Castilho aportára á India n'esses bons tempos em que ella sabia receber com enthusiasmo, com carinho, com affectos. Com elle nem outra coisa poderia ser, se vel-o e ouvi-lo era ficar desde logo consagrando-lhe uma sincera estima.

Dava-se isso nos tempos em que a India não tinha ainda passado pela terrível syncope, que foi como uma muralha de desconfianças, que partiram os laços que a sociedade unia, e d'ahi, provinha esse encanto que a uns sarava a funda nostalgia que traziam no peito quando largavam as margens do Tejo, tendo preso aos labios um adeus envolto em lagrimas de saudade, — e aos outros dulcificava o negro sonho de um futuro sem esperanças, n'um deslizar continuo para peiores dias, e uma funda saudade da patria que de seus paes e avós fóra, que não sua.

Quando em conversa amena o nosso pae nos conta esses episodios da sua mocidade sentimo-nos arrebatados para esses tempos e ainda mais além, tempos que não voltam, tempos em que o garboso alferes fazia notar nas ruas, pelo rastejar da espada, cortejando as damas com ar de triumpho e olhar victorioso...

Como não se nos expande o coração ao relembrar esse pas-

sado não mui remoto e como não devaneia a nossa imaginação phantasiando pomposas festas, e poeticas e augustas solemnidades, que alimentavam o espirito dentro d'estas arcadas derrocadas e nos sanctuarios de gloria reduzidos a pó!

Por mais que se pinte de côres alegres esta carcomida e velha praça de heroismos, jámais chegará a refazer-se, porque foi de ha muito sacrificada ao snobismo.

Castilho, ainda que novo, quando esta terra deixou, a ella ficou ligado por fundas saudades, amizades sinceras e admiradores entusiastas. No sorriso franco que lhe irradiava na fisionomia, atravez d'uma austeridade que mal assentava em tão juvenil rosto, não era difficil perceber-se o requinte da bondade, uma alma generosa, uma alta cultura intellectual, legitima herança de seu pae, e

que soube honrar na sua longa carreira da marinha, tão cheia de episodios, tão repleta de relevantes factos e feitos, demais profusos para poderem ser mencionados em fugitivas linhas d'um perfil.

Perguntarão porque Castilho não veio governar Góa, se lhe dedicava tão sinceras afeições? Responde-se que mais d'uma vez havia sido convidado a governa-la; mas como tinha um plano de governo todo seu e como este não ajustava aos moldes do Terreiro do Paço, preferiu sacrificar a saudade que lhe ia na alma, a vir a Góa e perder a afeição, que ella, mesmo de longe, por elle manteve num constante crescendo, até que se tornou geral, como attestam as referencias elogiosas que toda a imprensa lhe tem feito, após a sua morte.

Que direi mais d'um homem, que em conjunctura difficilissima e melindrosa preferiu defrontar todas as inclemencias, por que as leis o fizeram passar, pelo facto de cobrir com a bandeira de Portugal os revoltosos do Rio, a entrega-los aos rigores da justiça fluminense?

Grande alma deveria ter o velho marinheiro. Raros são hoje os feitos d'esta ordem, que só conhecemos na historia e que passam como lenda do heroismo luzitano.

Como homem de letras, attestam varios productos da sua lucida intelligencia, em livros, folhetos e opusculos que abordam assumptos de variada especie; e a sempre interessante revista *Brasil-Portugal*, da sua collaboração collectiva, onde ha paginas que fulgem e recordarão o glorioso nome que passou, que é hoje memoravel e que o será sempre.

Mezes antes de a morte o ceifar tão desapidadamente, Castilho em vez de procurar, no remanso do lar, o repouso a que uma vida cheia de trabalhos lhe dava jús, projectava dar á luz da publicidade um trabalho de vulto baseiado em preciosos apontamentos, colhidos ha mais de meio seculo, em Cochim, Mangalore, Coulaó, Cananore, etc., etc., onde esteve em comissão de serviço do Estado.

«Copiei com escrupulosa caligraphia as inscrições todas ou



Partida para o Rio de Janeiro do novo ministro de Portugal no Brasil, sr. dr. Bernardino Machado. — O sr. dr. Bernardino Machado subindo para bordo do «Arlança».

quasi todas, e tenho-as para um dia, não muito longe, serem publicadas». — Assim no-lo escrevia, cheio de entusiasmo.

Teria Castilho a previsão de morte? Não! Pelo contrario, a esperança animava-o, ainda que uns incommodos dos olhos o não deixavam, por conselho medico, dedicar-se ao trabalho que já annunciava...

Quando se deposita um cadaver no tumulo, diz-se-lhe: «não esqueçais o nome do grande que nós vos entregamos».

O sarcofago nem clama, e o tumulo dilue na dissolução da

A greve do pessoal dos electricos



A fabrica geradora de electricidade guardada pela infantaria da guarda republicana

materia esse nome; mas a posteridade não presta homenagens senão a solidas virtudes que lhe precederam o exornam a sua vida publica e privada.

Homens illustres nunca se extinguem na memoria. Embora uma orientação manca abra as suas portas á mediania, ao servilismo e não poucas vezes á ignorancia, que esbulha o logar ao verdadeiro prestimo, grande consolação é todavia para o espirito humano, quando, lançando uma vista retrospectiva, se vê que estas qualidades fulgem quando a cinzas esteja reduzido o corpo que as conteve, — emquanto os outros voam ao leve sopro da briza da indiferença.

Na campã fria desfolhamos este punhado de agrestes flôres, como preto de homenagem áquelle que em vida, e sem de perto nos conhecer, nos teve em muito apreço, o que nos lisongeiá immenso, por vir de quem em todos os sentidos estava em casos de o poder assim fazer.

(Do jornal *O Commercio* que se publica em Nova Gôa.)

J. FERREIRA MARTINS.

Entre amigos:

— Como o casamento faz mudar de idéas!

— Devéras?

— E' o que eu te digo. Quando eu era solteiro gostava de todas as mulheres sem excepção.

— E agora?

— Agora gosto de todas as mulheres menos da minha.

O amor na Beira

Ao Antonio Cabreira

O estudante desceu o monte para o leito da ribeira, de olhos presos na horta da margem opposta.

A rapariga não dera pela chegada d'elle.

Vinha leira abaixo, comendo uma fatia de centeio, encarreirando, com o sacho, um veio de agua.

Quando chegou ao fundo da horta, Anacleto saudou-a perturbado.

— Bons dias, Maria...

Surprehendida com a saia a dar-lhe pelo joelho, levou rapidamente a mão á cinta e desprendeu-a até aos tornozellos, mettendo a fita na algibeira do avental verde.

— Esteja com Deus, senhor Anacleto... saudou já calma, mas ainda um pouco vermelha da surpresa.

— Ora para que havias tu descer a saia... Assim, como estavas, até eras mais linda...

— Não diga isso, senhor Anacleto. Cá entre a gente da lavoira, vá que não vá, mas deante de pessoas assim...

Baixou os olhos, muito enleada, a quebrar rebentos tenros de salgueiros que ia lançando na corrente.

— Mas quantas vezes eu já te vi assim perto, a lidar na terra...

A rapariga olhou-o estranhamente.

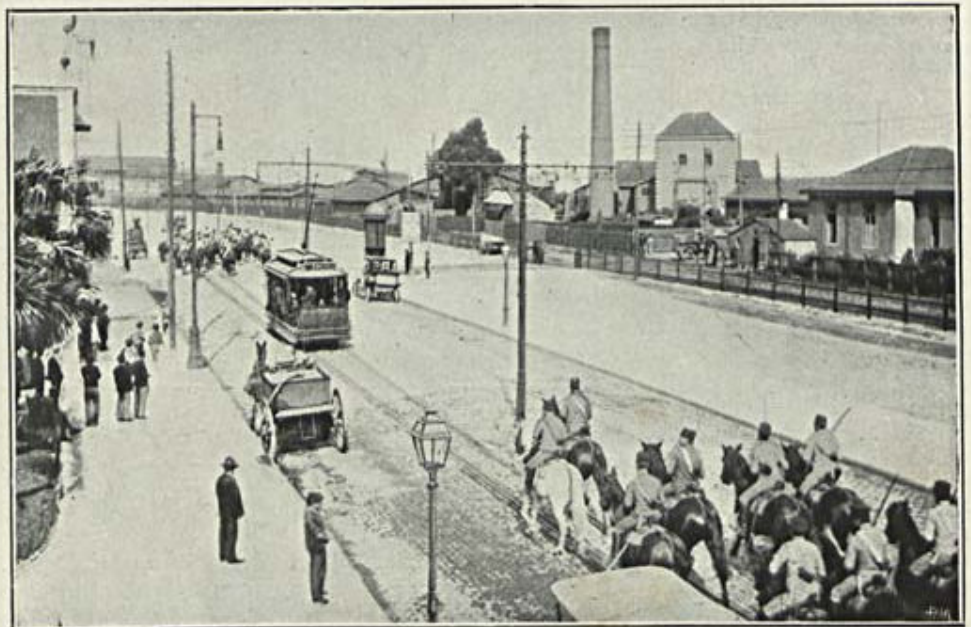
— ... Sim, quantas vezes... O verão passado vinha eu, ás tardes, sentar-me aqui, debaixo d'este salgueiro, á tua espera. Quando tu chegavas já eu cá estava. Via-te subir a parede, com toda a cautela, para não rasgares a saia e o chambre, mas como ás vezes picavas as mãos, sabes o que fiz? Cortei, á navalha, os bicos das silvas d'aquelle pontal por onde tu saltas. Até uma noite cheguei a cortar todas as silvas com uma roçadoira. Não te lembras?...

— Olha se me lembro! Por signal que meu pae apanhou uma braveira!...

— Mas porquê?

— Então não sabia que as silvas eram lá precisas, para não saltar o gado?

— Importava-me lá d'isso! O que eu queria era que tu saltas-



A greve do pessoal dos electricos — A cavallaria da guarda republicana escoltando o primeiro carro que sahiu

(Phot. de ***)

ses, sem te maguares. Até me dava vontade de atravessar a ribeira, para te ir descer ao collo...

— O senhor tem cada lembrança! Havia de ter que vêr! Então cuida que sou ainda menina de collo?

— Mas és a mais linda moça d'estas leguas em redor. E as raparigas como tu nunca perdem o collo e o mimo: passam, dos braços das mães, para os braços dos homens com quem casam...

A camponeza soltou uma gargalhada.

— Isso será lá na cidade, que cá, no povo, os braços das mu-

vêres que ella esmorece... Isto custa-me tanto, tanto, que o verão passado, quando foi da procissão a pedir chuva, eu rogava a Deus muito sol e calor, só para tu vires regar a horta mais a miude...

— Mãe Santissima, que fez! — tremeu a rapariga, entrelaçando as mãos, em prece, sobre o peito.

— Tu é que tiveste a culpa...

— Eu?!

— Sim, tu. Porque não vinhas ás manhãs e ás tardes, todos os dias, como as outras raparigas, a deitar a tua presa que até nas seccas toma agua?

— Pois não vê que a terra, aqui, é mais fresca, de lhe correr a ribeira ao fundo?

— Não, não é isso... — E o estudante abaixava a cabeça, n'um sorriso languido. — E' que tu não tens amor... As raparigas que teem amor secca-se-lhes a horta mais depressa, e quando a terra fica junto á ribeira, lá estão á espera os peitos dos noivos a esaldar que nem terra seccavel... Quantas vezes me tem a mim acontecido isto: tu vires, não regares, deixares a presa a vasar de cheia, e eu ficar com o peito a morrer de sede... Tantas vezes que isto me aconteceu, no verão passado, quando ás tardes vinha sentar-me, debaixo d'este salgueiro, para te vêr regar...

A rapariga desviara de Anacleto os olhos timidos, continuando a atirar, muito enleada, sobre a corrente, as pontas tenras do salgueiro que lhe ficava proximo. O estudante seguia-lhe os movimentos, esperando, com anciedade, uma palavra, um olhar de promessa...

No leito da ribeira, onde uma levada de pulo os separava, a agua fervia, nos seixos alvos, n'uma gargalhada de malicia humida, subtil...

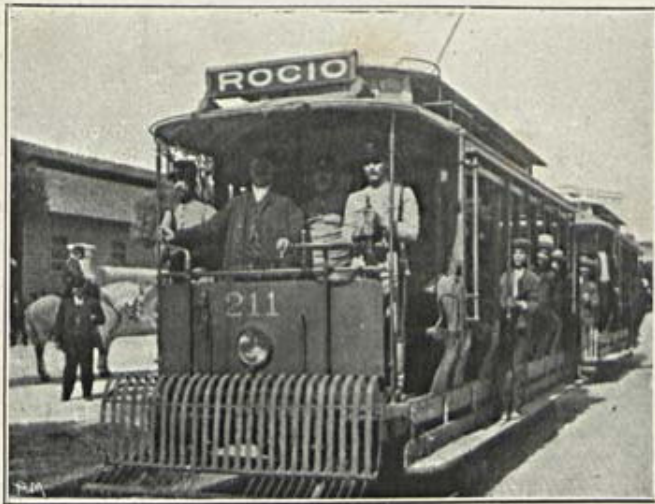
Anacleto transpoz a corrente de um salto, e achou-se, immediatamente, na margem opposta, junto de Maria.

Assustada, recuou um pouco, apontando a ribeira:

— Vamos ter um mau anno, senhor Anacleto...

— Um mau anno! Mas porquê?

— Então não vê como a ribeira vae pequena? Choveu pouco. As nascentes estão fracas, vae faltar agua no verão...



A greve do pessoal dos electricos — Um carro sahindo da estação do Arco do Cego guardado por soldados armados.

lheres são para os filhos pequenos e os dos homens p'rá enxada.

— Mas nos intervallos...

— Ora... nos intervallos, a gente está moida do serviço, o que quer é dormir.

Anacleto sorriu encantado.

— Mas eu é que me não sinto cansado, Maria. E sempre que



A greve do pessoal dos electricos — O carro sobre o qual foi atirada, em Alcantara, uma bomba. Na chapa da plataforma da frente vê-se o buraco produzido pelo petardo.

(Phot. ***)

de manhã ou á tarde, chegas á parede da horta, o meu desejo era correr logo a descer-te nos braços... Algumas tardes fico tão triste! Mal chegas ao cimo das leiras revolves, com o sacho, um pedaço de terra, e tornas a compô-la, dizendo alegremente: «Está ainda fresca.» E vaes-te embora, voltando as costas á horta, sem

— Bem me importa a mim... — sorriu Anacleto, aproximando-se-lhe mais. — Como á tua presa nunca lhe falta a agua, cá me terás sempre a vêr a rega.

— Então gosta assim de vêr regar?

— A ti, muito. No verão passado, eu bem via que toda a horta

se alegrava mal tiravas o chale e te descalçavas para regar. Quando olhavas sobre ella, logo as folhas torcidas da sêde se tor-



A greve do pessoal dos electricos — O tenente Encarnação, da guarda republicana, inquirindo acerca dos estragos causados pela bomba que em Alcantara attingiu um electrico.

navam mais verdes. E as flores do renovo, tanto lhe estremeciam as folhas de contentes, que pareciam bandos de borboletas presas a quererem voar para ti...

E atirando-lhe ao seio, um ramo florido cortado de uma cerejeira proxima, elogiou com ternura:

— Eu não sei, Maria, o que tu fazes á rega, que a tua horta é mais linda que as outras...

— Lá isso — concordou risonha, envaidecida — lá isso é verdade. Tinha só dez annos e já deitava as presas todas, mas olhe que cá na terra encontram-se muitas raparigas, e até casadas, que não sabem voltar um torneiro! Ha gente que, com esta presa, não regava uma leira. Eu então, rego a horta toda!

— Mas tu queres mais a umas plantas do que a outras? — accusou Anacleto, sorridente.

— Essa agora!...

— Pois está visto que queres. Eu bem via na horta do anno passado, como ha-de haver na d'este anno em crescendo, hastes mais crescidas e verdes, com mais fructos e mais lindas...

— O senhor tem cada uma! Isso vae da terra e da agua.

— Sim, acredito. Era isso o que eu pensava quando me escondia ali para te vêr. Apenas abrias a presa e vinhas descalça, rego abaixo, eu olhava a veia de agua, cantante e turva, a gorgolejar-te em volta dos pés, enamorada e

presa aos teus calcanhares. Depois entravas na leira, e a agua lá corria atrás de ti, por baixo do recovo, a banhar-te os pés, apenas sobre elles cahia uma areia ou uma folha secca. Acabada a rega, é que eu via: os sitios do renovo por onde tinhas passado ficavam mais viçosos e lindos, porque a agua só regava a terra que os teus pés pisavam...

A rapariga olhava surprehendida e um pouco receosa.

— Ná, o senhor Anacleto, queira perdoar, mas agora perdeu a cabeça...

— Comtigo ao pé quem não ha de perde-la...

E vendo que recuava, assustada, supplicou-lhe:

— Não fuja, Maria... Fica, não te faço mal...

Pousou-lhe no hombro a mão tremula, ardente, debruçando-se para ella, num sorriso gracioso, fascinador.

— Ora, ouve: tu nunca te sentiste assim meia tonta, quando os rapazes cá da terra te deitam o sol n'um espelho?

— Quantas vezes! Por signal que me dá cá uma zanga!...

— Pois, olha: todo o sol d'este meio dia de abril está agora dentro dos teus olhos, não a fazer-me zangar, mas a entontecer-me, a causar-me, cá por dentro, uma sede, que nem toda a agua da tua presa a apagaria...

(Conclue.)

P. ALVARES D'ALMEIDA.

PENSAMENTOS

Se os homens ousassem falar-se sem reservas, haveria muito menos dôr no mundo de hoje a cem annos.

SAMUEL BUTLER.

No amôr ha duas especies de constancia: uma vem de encontrarmos constantemente no objecto do nosso amôr novas razões para amal-o, a outra de timbrarmos em ser constantes.

ROCHEFOUCAULD.

Homens de *havemos de fazer*, nunca farão nada.

P. ANTONIO VIEIRA.

O fim d'uma nobre vida deve ser uma procura ideal e desinteressada.

RENAN.

O casamento communica ás mulheres todos os vicios dos homens e nenhuma das suas virtudes.

FOURIER.

As actrizes divertem os homens em publico e arruinam-nos em particular.

LE SAGE.

Uma voz está em nós, que só as boas e grandes almas sabem ouvir, e essa voz grita: «A verdade e o bem são a balisa da tua vida; sacrifica todo o resto a esse fim».

RENAN.



A greve do pessoal dos electricos — Conduzindo um popular ferido pela guarda republicana.

(Phot. ***)



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

VII

CARTA DA TERRA

Patricio.

A data que escrevo, a grève ministerial já teve solução e a crise dos electricos está terminada. Estes dois casos — bicudissimos casos! — foram o assumpto da quinzena.

Tu, Patricio amigo, que lá longe nos acompanhas esse espirito com o interesse nascido pelo amor, que a sentimentalidade piegas, faz ter pelo torrão natal, has-de muita vez pensar no que por cá vae, com essa tristeza carinhosa que se nota pelas desditas que nos confrangem. Mas não vale entrestecer, porque a vida são dois dias... E por isso, quando te disserem com acentuação tétrica que isto por cá vae mal não te deixes amadorrar no pessimismo trombudo dos grandes desalentos, porque a verdade é que nós somos... *toujours gail!*...

Sim, immensamente divertidos, immensamente pandegos, immensamente reinadios, na politica como na vida domestica, como na arte, como na litteratura, como no commercio, como na industria, como em todos os ramos d'actividade social, onde mettemos o nariz, este nariz meredional que tem algo de Quichote e algo de Sancho. Este nariz que canalisa lagrimas por um fadinho corrido tremelicado por voz fanhosa e, se dilata, a rir, com uma marrada de arromba, em tarde de sol e moscas, no interior d'um forçado bebado. E porque assim somos, e porque assim nascemos e assim havemos de morrer, os salavancos da vida encontram-nos com a inconsciencia necessaria para supportar os grandes trambulhões, sem outro protesto que não seja o desabafo caseiro á hora do chá, em familia. Ah! sim! Ah! somos heroes! Em cada dentada funda nas torradas aloiradas, vae uma affirmação grandiosa; e em cada golo de chá, um protesto energico de rachar. Não ha problema que não tenha immediata solução com o palitar da migalinha; não ha feito por mais audacioso que não tenha execução instantanea diante do bule.

Somos um povo esplendido ao... chá! Uma raça triumphadora... com torradas!

E por isso, Patricio amigo, tu que és nosso tambem, que has-de ser épico, como nós, á ceia, não percas o que de bom nos foi dado como mercê inequalavel de Deus, quando previa o nosso futuro.

Estivemos duas semanas com a grève ministerial; e estivemos vinte e quatro dias com a crise dos electricos. N'este periodo cantou-se o *ri-pó-pó* a S. Camões!...

E porque se cantou o *ri-pó-pó* a S. Camões? Porque o sr. Afonso Costa separando a Igreja do Estado, *ipso facto* separou todos os Santos *ominosos*, isto é, todos os Santos *nascidos* até 5 d'outubro. N'esta immensa separadella lá foram tambem os tres festejados do mez de junho, desde o bom casamenteiro Santo Antonio até ao austero e venerando porteiro do Céu. Em troca, deram o Camões. E para entreter esta creança desinquieta que se chama o povo de Lisboa, deram-lhe mais: deram-lhe cortejo civico e arraial ao Camões. Elle achou bom, mas não achou optimo, aquelle optimo que o fazia trinar doidamente com cochichos de barro na vespera do thaturgo. Sentia uma falha grande na propria consciencia separada. Uma falha intima, a roer-lhe o coração verde e encarnado. E, não resistiu: o Camões passou a ser... o S. Camões! Passou a ter throno, fogo de vistas, alcaxofras, cochichos, e... resplendor em figuras de barro de vintem cada uma, vendidas nas capellistas!

Explendidos, Patricio amigo! E era vêr, á noite, de volta da estatua do épico, a dançarem o *bailarico* com voz fanhosa e guitarradas alegres; e a petizada a lamuriar pelas ruas, cinco réis... p'ró S. Camões! E era vêr na Praça da Figueira, por entre montões de mangericos, o auctor dos *Luçidades* em attitude de martyr

canonisado! E era vêr o mulherio a descascar pevides em volta do pedestal do poeta, enquanto os *liberaes* contemplavam o famoso guerreira de Ceuta com olhares entendidos, de quem diziam: Este sim! Este é dos nossos... Pertence ali ao Centro do sr. Afonso Costa!

Explendidos, Patricio amigo! E tão esplendidos que a grève ministerial para ser resolvida a vinte mezes de praso da implantação da republica — d'esta jovem republica que nos seus apóstolos tinha monopolizado tudo o que de melhor existia na arte de bem governar os povos — tem o Chefe do Estado que impôr o mais forte argumento da sua primacial situação. Só assim *furou* a grève dos partidos.

Esta grève — porque outra coisa não foi se não a colligação de todos os *operarios politicos* exigindo augmento de salario nas suas vaidades — esta grève, diziamos, teve a solução mais patusca de todas as patuscadas nacionaes. O ministerio nascido é como o producto d'um esforço maximo, produzindo um som minimo em velho trombone rebentado. Tem um enyigma na presidencia; e o resto do teclado varia entre o desconhecido e... o conhecido em demasia para que licito seja avaliar das competencias, com a devida justiça.

Mas, o mais mirabolante da solução da grève ministerial que teve trechos de farça e trechos de tragedia, é a ausencia de deputados no seu cozinhamento. Nem um modesto rabanete d'essa afamada calinaria parlamentar que, d'amostra servisse cobrindo, por decencia, esta salada russa que dizem ser uma republica... parlamentar!

Explendidos, Patricio amigo! Tu, que lá longe gozas estas coisas immensamente pindericas, reflecte um instante e diz-me, se já viste terra mais reinadia. Para que macabuzar então com pruridos de sentimentalidade piegas, choramingando estofados logares communs pelas desditas do torrão?

Se ha bombas que estalam; se ha inquietação nos espiritos; se ha desassocego nas ruas; se ha desconfiança nos olhares; se ha receio nos rostos; se ha quebras no commercio; se ha paralysação na industria; se ha retrahimento no capital; se ha desconfiança nas transações; se ha pranchadas nos lombos; se ha prisões que abarrotam; se ha vinganças que indignam; se ha ultrages que vexam — tudo isto e muito mais que levaria rol taludo a apontar é compensado por dois foguetorios que estalam em homenagem barata a qualquer idolo historico, gargalhando inconsciencia com rouco vivorio. Porque, o *peixe espada* como o S. Camões, hoje, são liberaes. Teem filiação no Centro com attestado da Rotunda. São intimos do sr. Costa e do sr. Almeida. Andaram no elevador da Bibliotheca em 28 de Janeiro de 908 a *Alta Venda* com o sr. Machado Santos.

Tudo, portanto, tem a sua explicação na origem — n'essa origem maravilhosa que transforma o *ominoso* d'hontem no *luminoso* d'hoje; o *cropuloso* d'hontem no *escrupoloso* d'hoje; o *tyranico* d'hontem no *liberal* d'hoje; o *incompetente* d'hontem no *superior* d'hoje.

E pandegamente assim vamos indo, *toujour gail*, com os srs. Nônes, Faustino e Celorico no legislativo, o sr. Duarte no executivo e, o julgamento d'um cidadão de Benavente por ter comprado dois cavallos, um triste e outro alegre, respectivamente aos srs. Theophilo Braga e Afonso Costa... no judicial!

Ora um povo que assenta em taes alicerces e resiste, é um povo solido, d'essa solidez do *Roberto* de feira, immensamente alegre, immensamente pandego, immensamente reinadio, immensamente feliz na sua inconsciencia.

CRISPIM.

No escriptorio de um advogado:

— O motivo do divorcio, disse, é tel-o sua mulher enganado.

— Sim, senhor... ella confessou-me que amava um outro e eu verifiquei que era verdade.

— Mas então se ella lhe disse a verdade, não o enganou.

Oliveira Lima

Entre a numerosa assistencia, que em Paris, tomou parte na inauguração do monumento a Camões destaca-se o nome do nosso amigo, sr. Oliveira Lima, ministro da Republica Brasileira em

Bruxellas. As circumstancias especiaes que revestem este acto, do illustre diplomata, pois que propositadamente foi a Paris para assistir aos festejos do grande épico portuguez, taes circumstancias, repetimos, são dignas e merecedoras de serem registradas, por que mais uma vez se demonstra a estima que o dr. Oliveira Lima tem e manifesta pela nossa terra.

Tudo que é portuguez o interessa e pela sua vasta e brilhante obra litteraria se justifica que o digno academico é um verdadeiro amigo de Portugal.

NOTAS DE SPORT — Concurso hippico internacional



A assistencia

Como festa elegante, o concurso que a Sociedade Hippica Portugueza acaba de organizar deixou alguma cousa a desejar, não devendo causar admiração o facto, pois ha uns tempos a esta parte que em Lisboa e em todo o paiz se não realisam festas que tenham cunho de elegancia. Como festa hippica foi não obstante coroada do maior exito.

O campo e os seus obstaculos estavam magnificamente arranjados, o que foi devido a D. José Manuel da Cunha e Menezes (filho). Houve percursos e saltos magnificos e, para gloria do «Sport» hippico em Portugal, até o Grande Premio de Lisboa que era d'um conto de réis foi ganho por um cavallo portuguez, raça da caudalaria do Conde de Atalaya, montado por José de Sá Paes do Amaral (Alverca). E o triumpho foi completo, grandioso mesmo, pois foi o unico dos cincoenta e dois cavallos que n'essa prova tomaram parte — e entre elles havia bellos exemplares estrangeiros montados pelos nossos principaes cações e por alguns estrangeiros, um dos quaes o Principe Capeço di Zurco — pois foi, diziamas, o unico que fez percurso limpo.

D'esses quatro dias de sport hippico dá o Brasil-Portugal varios instantaneos e por elles verão os leitores que as nossas palavras são em tudo iustas e verdadeiras.

E.g.



Concurso hippico internacional — Outro aspecto da assistencia.



Concurso hippico internacional — A sr. D. Maria do Carmo Reis, montada na «Florette».

(1.º premio na corrida de Amazonas)



Concurso hippico internacional — Grupo de amazonas classificadas.

(Phot. ***)

O elogio da Primavera

Hoje, a manhã despertou noiva, toda florida e branca. Veiu o sol cobri-la com um manto oiro-azul, a paisagem fez-se um verde regaço para ella sonhar o seu amor ancioso.



Concurso hippico internacional — O aiferes José Aiverca, vencedor do «Grande Premio de Lisboa», no cavallo «Atalaya».

E abriram alas os choupos, os salgueiros, em rosarios e columnatas, campos fóra, para que ella passasse esplendida, sorrindo. .

O rio manso é como um espelho do céu em cujo seio puro de indefinivel transparencia, emoldurado em flôres e folhagem, a manhã se mira embevecidamente.

Depois, aquella rôla, ao longe, embalando o silencio dôce, os rouxinoes entre as laranjeiras toucadas de flôres, nimbadas de virginal perfume, o encanto d'aquella vozinha de agua corrente, a harmonia do Sol e da Sombra, esta frescura moça e florida, os lilazes, as glicínias, as rosas de neve e as rosas de sangue, — tudo nos diz a primavera, meu Amôr. . .

Madrugamos com a Primavera.

Deviamos ter vindo esperal-a. . .

A Primavera veiu, meu Amôr, e o seu olhar azul e oiro sorria, e trazia o regaço a transbordar de flôres. . .

Quando largava os meus olhos encantados pela paisagem fóra, respirando a alma luminosa e alada das arvores moças que amorosamente já nos falam de colheitas, — tive um presentimento, voltei-me, sorrindo, sem a adivinhar. Eras tu que estavas sobre o meu peito, abraçadinha a mim.

E disséste que os meus labios sabiam a pétalas de rosa. — Não, meu Amôr, eram os teus, decerto. . .

Viémos ver as rosas, beijamol-as e acariñamol-as, e os lyrios teus irmãos em brancura. . .

E porque ficamos nós assim, silenciosos e extasiados, olhos nos olhos, sorrindo, n'uma contemplação, na ebriedade d'uma Beleza mais alta adivinhada mysteriosamente?

A Primavera trouxe os lilazes e os lyrios, os rouxinoes e as rôlas.

A Terra é uma noiva sorrindo enleadas, timidas promessas, castas sob o ethereo véo de maravilha, em que perfumes e luz e céu ondeiam, tecido nas almas profundas e mysteriosas das flôres e do Sol.

Não o vês, Amôr, na vibração indefinivel da paysagem ao longe. — não vês, Amôr, — o véu de luz que envolve a terra n'um beijo aereo animizado em aroma, todo vibrátil de comoção e inefavel desejo? . . .

A Primavera cobriu os choupos e os salgueiros de mocidade, ergueu naves religiosas sobre os regatos, sobre os caminhos que para ti me trazem, elevou cathedraes de sombra carinhosas para com as almas, sob o diluvio de oiro novo e profano que fulge nas folhas, e, ás vezes, filtrado pela ramaria, atravessando a macieza da sombra, fecunda luminosamente, em vaporosas, espumeas rendas, — essa palida Thereza de Jesus toda tomada de divino Amôr e saudades do Sol que se chama a Penumbra.

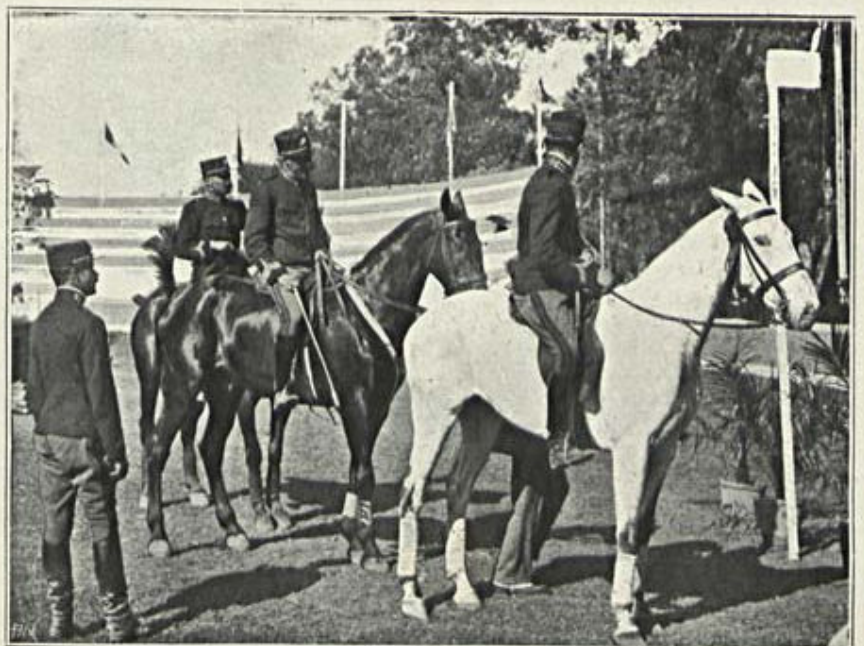
A Primavera trouxe o encantamento das coisas e da vida, a alegria placida e rumorosa das fundas seivas ascendendo do coração da Terra, — e as almas, tremulas e videntes, adivinham que sobre as vidas, sobre a harmonia da Primavera renascida, perpassa um largo sopro do Alem-Mundo, animica seiva que uma Primavera cósmica e remota ezala. . .

E as almas respirando-a empalidecem, e os olhos de Amôr fitam-se demoradamente, n'uma divina ebriedade, respirando infinito e Beleza, com saudades de Deus.

Veiu a Primavera e a minha Alma sentiu-se diferente. Coberta de rosas. — oh minha dôce pequenina Primavera, — os teus labios e os teus olhos dizem do nosso Amôr uma Beleza maior.



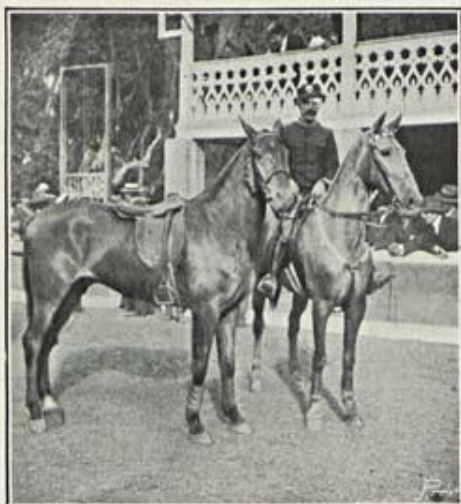
Concurso hippico internacional — O capitão Martins de Lima, vencedor da «Taça de Honra».



Concurso hippico internacional — A' frente o tenente Constancio, vencedor da prova «Nacional», montado no cavallo «Cock Tall».

(Phot. ***)

Se te abraço de encontro ao meu peito masculino e virgem, rythmado ao sabor d'esta alegria de viver que tudo innunda, sinto-te diferente entre os meus braços possessivos e maternos. Se te beijo, — toda a Primavera, todos os aromas da terra florida e



Concurso hippico internacional — O tenente Julio de Oliveira, vencedor do percurso de caça, no cavallo «Eclair»

noiva, toda a embriaguez das florescencias, todos os perfumes, — toda a Primavera a bêbo n'um largo sórvo em teus labios túmidos e vermelhos, ardendo...

Não, meu Amór, são os teus labios, são os teus labios que sabem a pétalas de rosa.

As seivas ascendem pelos troncos moços, põem as infinitas mãos n'um tremulo contentamento, n'uma verde prece interminavel, entre a espessa ramaría... Depois, artistas de genio, na eclosão divina da sua Arte admiravel, descerram seus labios em flôr, riem á luz, murmuram palavras de profecia e nevoa, que em nevoa sobem até Deus, e nós aspiramos, — tecem com a luz o véo de noiva sob o qual a Terra sonha, ruborisada de alegria casta, as alegrias maternas do Outomno, quando as colheitas penderem do seu corpo abençoado, de largos flancos fecundos, de doces olhos humidos e macios...

Sente-se Deus aqui. Um Deus amoravel, de verdadeira divindade, simples e risonho, idealista e pagão.

Seus olhos divinos poisam encantados nas formas harmoniosas prenes de Vida e sonho, — e procuram os olhos amorosos das raparigas para n'elles deixar a pureza da sua vista doce, emaciada em ternura e deslumbrada de assombros.

Já o viram, entre os vergeis em que os ninhos se occultam receiosamente, e entre as flôres, esconder o seu apolineo rosto de mocidade e poesia, nos calices frescos e envaidados...

As flôres tremiam de commoção, houve desmaios, e certas rosas-chá, de torturada brancura, empalideceram, gelaram-se mais ainda...

E de certos olhos eu sei, beijados olhos do meu Amór, que um dia tiveram a assombrosa ventura de o ver em meus olhos rasos de lagrimas, n'um silencio de Amór que não era d'este Mundo.

A Primavera veiu divinizar a Terra, Sinto-a no meu corpo, florindo a minha alegria resoluto e serena, enternecida e clara. Sinto-a no rythmo ancioso e harmonioso do meu sangue moço e ébrio de desejo.



Concurso hippico internacional — O tenente Jara de Carvalho um dos vencedores da prova de «Parelhas» e o 1.º classificado na prova «Omnium».

Sinto-a florindo em meus labios delirantes beijos loucos, interminaveis e sófregos...

E os teus olhos e os teus labios, — que linda ficas nos meus braços desmaiada! — todo o teu corpo me desvaira, e me fala da Primavera, — oh meu doce e harmonioso canto de Beleza e Amór erguido á Vida, para Beleza da Vida e orgulho de Deus!...

RAFAEL ANGELO.

BEM TE VI!

Debaixo d'este arvoredro
Para te olhar me escondi.
Tu passavas; — em segredo
Cantei baixinho com medo:
Bem te vi!

Quiz dizer-te atrás correndo:
«Morro de amôres por ti!»
Mas não sei porque tremendo
Fiquei parado, dizendo:
Bem te vi!

Junto á fonte cristalina
Scismando chegaste ali.
Sopra a brisa á casuarina
Dóce nome — Cipladina —
Bem te vi!

E tu voltaste cantando,
— Que voz tão meiga que ouvi!
Fui então te acompanhando;
Fôste andando... fôste andando...
Bem te vi!

BITTENCOURT SAMPAIO.



Concurso hippico internacional — O sargento Vieira n'um salto.

(Phot. ***)

- Sabes qual é o melhor isolador da electricidade?
- E' o vidro.
- Qual! E' minha sogra.
- Como assim?
- Pois tu não vês que não ha raios que a partam?!

D. Olindina Guimarães Montenegro

A pós dois longos mezes de cruel soffrimento extinguiu-se a preciosa existencia da Ex.^{ma} Sr.^a D. Olindina Guimarães Montenegro, dedicada esposa do sr. Dr. Emígdio Montenegro.

Natural de Pernambuco, era filha do Commendador Francisco Ribeiro Pinto Guimarães e D. Maria Amelia Santos Guimarães, ambos já fallecidos, e residia aqui, no Rio de Janeiro, desde Julho de 1902. Tendo feito sua educação em Lisboa, no collegio inglez de Mrs. James, regressára a Pernambuco em 1884, onde aperfeiçoou de-



D. OLINDINA GUIMARÃES MONTENEGRO

Fallecida no Rio de Janeiro, em 6 de maio de 1913

pois os seus estudos com as institutrices Mademoiselle Lemaire e Fraulein Willhemine Weishaupt dedicando-se ao cultivo da musica, da pintura e das linguas.

Completada e bem constituida a sua primorosa educação acompanhou duas vezes seu velho pae á Europa, visitando por essa occasião todas as principaes cidades, o que ainda mais contribuiu para o maior destaque do seu cultivo intellectual.

Enthusiasta pelo abolicionismo, ao regressar de uma d'essas viagens á Europa, empenhou-se e conseguiu que seu querido pai libertasse todos os seus escravos.

D'ahi em diante, na campanha travada no Recife, prestou sempre o seu valioso concurso, tocando em concertos, em beneficio da libertação de escravos.

Em 1894 casára-se com o Dr. Emígdio Montenegro, medico e então inspector de hygiene do Estado de Pernambuco.

Com seu marido empreendeu e effectuou, em 1896, um passeio á Europa, visitando por essa occasião todas as principaes cidades da Allemanha e as capitaes de Portugal, Hespanha, França, Austria, Belgica, Inglaterra e Suissa. Como fallecesse n'esse anno sua affectuosa e dedicadissima irmã Lydia, deixando um unico filho, Mario, com 18 mezes de idade, de sua criação e educação incumbiu-se como verdadeira mãe extremosissima e muito principalmente depois de haver a interessante creança perdido, tres annos mais tarde, seu pae, o Dr. Francisco de Barros Lins.

Aggravando se o estado de saude de seu venerando e idolatrado pae, e sendo indicada a mudança para um clima mais ameno na Europa, afim de se lhe prolongar a existencia, já muito combalida pela avançada idade e molestias continuadas, com seu marido combinou e effectuou a transferencia da residencia para Lisboa, em companhia d'elle, que veio, finalmente, a fallecer alli, oito mezes depois.

Em vista d'essa irreparavel perda necessario se tornou o regresso a Pernambuco, em fins de 1901, e em seguida a vinda, em 1902, para o Rio, attrahida unicamente pela circumstancia de ahi tambem residirem os seus dois unicos irmãos.

Gosando sempre de regular saude, foi em Fevereiro do corrente anno acommetida de ligeiro incommodo de figado, a que succederam-se outras perturbações, que dia a dia, para o fim de Março, augmentaram de intensidade e extensão, assumindo o caso, em sua marcha crescente e acelerada, character grave e assustador, e de tal modo que aos Mestres da Sciencia, aos Especialistas, possivel não foi dominar a molestia, por sua natureza irremediavel, a despeito de todos os recursos empregados, vindo a dar-se o desenlace fatal ás 7 horas da manhã de 6 de Maio, em sua residencia, á rua Gustavo Sampaio, 244, no Leme, ainda nova, robusta, cheia de vida, com a idade de 45 annos, deixando inconsolaveis o seu extremo esposo e o seu estremecido Mario, quasi verdadeiro filho, orphão que ficou desde a infancia.

Thezouro de preciosas virtudes de coração, ella era um espirito que ultrapassava o commum do sentir geral das senhoras. A sua principal preocupação era a paz do seu lar, o seu maior attractivo os encantos que n'elle encontrava, entregando-se dedicadamente aos seus labores, á musica, que cultivava com enthusiasmo, á pintura, ás sciencias e á litteratura. Eram-lhe indifferentes as exterioridades da sociedade, collocando em plano inferior e secundario os seus prazeres e exhibições.

Crente fervorosa, era conscientemente christã, sem as manifestações do beatismo ostensivo e, assim inspirada na sua fé, a sua formosa alma expandia-se, prodigalizando o bem, até o esquecimento e sacrificio de si propria.

Com o seu talento e cultivo do espirito formava um verdadeiro contraste a sua excessiva modestia.

Tinha uma vontade, sempre moldada a um criterio conciliador, o que era uma força posta em acção para o effeito de suas resoluções.

Generosa e boa, nunca em seu coração se aninhou sequer a sombra de um ressentimento.

Systematicamente reservada e discreta, sincera e leal, de uma franqueza immensa, a sua alma candida e meiga só tinha expansões com os que lhe inspiravam inteira estima e confiança.

No seu leito de dôr, durante dois mezes, em lenta e breve agonia, o seu admiravel espirito não fraquejou, nunca mudou, e com uma resignação christã, com uma coragem estoica, procurava dominar a situação, vencer a molestia, preocupando-se em não dar a perceber aos que a rodeiavam que reconhecia a gravidade de seu estado e, quando descobria-lhes alguma lagrima furtiva, que não podia mais ser contida, fazia ver quanto isso a affligia, e aconselhava a terem coragem e esperança em seu restabelecimento, assim manifestando-se, até parecendo estar convencida, unicamente para poupar aos outros a expansão da justa dôr que sentiam por vel-a soffrer tanto e com uma tão rara coragem e resignação!

E, sem uma lamentação, sem um queixume, sem fazer a mais ligeira recommendação, tendo perfeita e integra a lucidez do seu espirito, ao sentir talvez aproximar-se o derradeiro momento, declarou então achar-se sob o dominio de uma grande afflicção; e, na brevidade de trez minutos, em subito colapso, nos braços de seu desolado esposo, trocando um infinito e saudoso osculo de eterna despedida, a sua alma angelica e pura evolou-se para a santa mansão dos justos.

Rio, Maio, 1913.

(Da Illustração Brasileira, do Rio de Janeiro de 1 de Junho.)

O MINUETE

Espaçoso é o salão: jarras a cada canto;
Admira-se o lavôr do tecto de pau santo.

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias:
Um enorme sophá: largas tapeçarias.

O purpureo tapete aos olhos nos revela
Entre as garras de um tigre, anciosa, uma gazella.

Retratos em redor: olhemos o primeiro:
No Tóro as mãos de Affonso o armaram cavalleiro.

Era Arcebispo aquelle: esta foi açafata...
Que frescura sensual nos labios de escarlata!

JARRA BRASIL



Já deve ter chegado ao Rio de Janeiro esta esplendida faiança, signée Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

Nesse trabalho, que os honra a todos, foi o filho do glorioso e sempre chorado artista coadjuvado pelos seus habéis operarios Elias e José Carlos.

São todos portuguezes e portuguez é o negociante Silva Macieira que quiç ser o portador d'essa linda obra d'arte, de grandes dimensões e de elegantissimas linhas que vae ser o clou da exposição de todos os antigos modelos de Raphael Bordallo Pinheiro, e dos modernos, executados por Manuel Gustavo.

Pelas duas photogravuras da Jarra Brasil que hoje publicamos, se terá a impressão visual da obra de arte que vae pertencer ao Brasil, e que lá pôde vir a ser pendant d'aquella outra que revela de uma fôrma completa o talento excepcional e a brilhante phantasia de Raphael Bordallo.

Allusiva á Republica Brasileira, mede a Jarra Brasil 1^m,84 de altura. O fundo é em esmalte azul, tendo no bojo, d'um lado, o emblema da Republica e do outro o escudo do Estado do Rio de Janeiro, ambos cercados de grandes festões formados por folhas e flores de productos brasileiros, como café, tabaco, cacau, algodão, etc. No rebordo do bocal, que é todo ajouré, poisam levemente quatro lindas borboletas e a jarra assenta sobre um pedestal circundado pelos escudos dos 21 Estados brasileiros.

Estamos certos de que os elementos officiaes da nação a que é destinada a artistica faiança hão de remover quaesquer difficuldades que se levantem, porventura exigencias aduaneiras que tornem inviavel o desenvolvimento de uma industria caracteristicamente portugueza, que de todos deve merecer estimulos e sympathias.

A gloria já conquistada augmentou-a com um novo titulo o auctor da Jarra Brasil.

Olhos revendo o azul que sobre a Italia assoma:
Em finos caracoés, a loura e ondada côma:

Collo robusto e nú: cabeça triumphante:
Consta que certo rei... passêmos adeante!

Este, que vês, morreu n'um africano areal
Por vingança cruel do aspero Pombal.

D'esse olhar na expressão infinda e inenarravel
Desabrocha uma dôr profunda e inconsolavel.

Defronte, uma donzella, o rosto meigo e afflicto,
N'um extasis adora o pallido proscripto.

O teu sonho nupcial, franzina morgadinha
Tão cedo se desfez, ó misera e mesquinha!

No antiquissimo espelho, á sombra das cortinas,
Reflecte-se o primôr de argenteas serpentinas.

Sob o espelho se anicha um cravo marchetado,
Noivo outr'ora da casa, e prenda de um noivado.

Ao lado um cofre encerra, em amavel ninho,
Antiga partitura em velho pergaminho.

Uma noite estendi a musica na estante,
E o cravo suspirou... n'aquelle mesmo instante.

Da eburnea pallidez doentia do teclado
Manso e manso evolou-se o arôma do passado.

E vi descer do quadro a languida açafata
Que, ao discreto palôr das lampadas de prata.

THEATROS

THEATRO AVENIDA



O final do 2.º acto da revista «Cô-cô-rô-cô»

(Phot. de A. C. Lima)

No burel escondeste o viço e a formosura
E desmaiaste, flôr, no chão de uma clausura!

Repara nos desdens do fôfo conselheiro
Que sorridente aspira a flôr de um jasmineiro!

Em canones doutor: no Paço foi bemquisto:
Orna-lhe o peito a cruz de um habito de Christo.

Esse outro combatendo ás portas de Bayona
Como um bravo, alcançou a rútila dragona.

Vibra flammás do olhar; cabeça erecta e audaz;
Illumina-lhe o rosto a gloria de um gilvaz.

Assistimos, ao vê-lo, ás pugnas carnicieras,
E ouvimos o clangôr das musicas guerreiras...

A fimbria alevantando azul do seu vestido,
O rosto acerejado, o gesto commovido,

A sorrir, deslisou graciosa no tapête.
Dançando airoosamente o airoso minuête...

GONÇALVES CRESPO.

Gostamos sempre muito mais dos que procuram imitar-nos, que dos que procuram igualar-nos. A imitação é uma prova de estima, a competição, de inveja.

*

O ciúme é de alguma maneira racional e justo — tem em vista preservar um bem que nos pertence ou que pelo menos nós julgamos que nos pertence, ao passo que a inveja é um frenesi que não nos deixa supportar o bem que os outros possuem.

THEATROS

No **Apollo** e no **Avenida**. — **Republica** — Theatro Guignol e Cinematographo.
— **Paraizo de Lisboa** — A revista *Eh real!* — **Rua dos Condes** — *Está direito?*...

Tratámos na ultima chronica, das revistas em scena, no **Apollo** e no **Avenida**. Dissémos como o *Preto no Branco* e o *Cócó* estavam alimentando o fogo sagrado, e, começando ambas por entrar

manter a ordem e que uma parte do publico precisa ler o compendio de João Felix Pereira antes de ir para o theatro.

Bõa *mise-en-scène*, artistico guarda-roupa, scenas bem pintadas, bonitos alguns numeros de musica, e desempenho muito regular, parece-nos que não ha direito a exigir mais n'um theatro popular como aquelle a que foi destinada a revista *Eh Real!*

Está direito? é a nova revista de Baptista Diniz em scena no **Rua dos Condes**.

Tem a graça habitual do auctor, ditos salgados, scenas picantes, mas nos pontos em que quiz ferir a nota politica, enganou-se na pontaria, reconhecendo que certas *tiradas* deixaram de produzir effeito. Tem bonitos numeros de musica e bom desempenho.

THEATRO APOLLO



O «Preto no branco» — O pateo das araras

em scena hesitantes, tinham acabado por empolgar o publico, que á força de rir, de saborear, de applaudir e de voltar lá, concluia em ultima instancia que o trabalho de Eduardo Schwalbach e Accacio de Paiva e o de André Brun, Ernesto Rodrigues e Bermudes, levava de vencida os seus antecessores.

E como ambas ellas seguem a marcha victoriosa, e já pozémos o bastante de nossa casa, passémos a outro assumpto, que o mesmo é dizer, falémos do **Republica**.

O vasto e elegante theatro da Rua do Thesouro Velho tem a palavra. E' que o seu empresario, que nunca se esquece do publico de Lisboa, e que comprehendeu como ninguem que nem só de pão vive o homem, veio ainda d'esta vez ao encontro de todos os desejos de uma sociedade interessada em passar as noites distrahida, n'um recanto de Lisboa onde se entretenham os olhos e o espirito, onde a alma viva um pouco, e a phantasia se espraie o bastante para não morrer de aborrecimento.

Que por completo satisfizes este desideratum a empreza do **Republica** prova-o esse spectaculo á sensation, verdadeira novidade em Lisboa, esse *Grand Guignol*, que ora enche a alma de *frissons* e o espirito de pavóres, ora despreza as mandibulas em gargalhadas, e com as impressões comicas tempéras, n'uma sabia proporção, as violentas.

E ainda não bastando esta ininterrupta série de sensações a preços reduzidissimos, todas as noites se desdobram aos olhos do espectador fitas coloridas e animadas, que são um novo e saboroso repasto para o espirito e para os olhos. E aqui está como um empresario intelligente, aqui está como uma companhia de artistas de valor como são os do **Nacional**, interpretando personagens *terribles* como os do theatro Guignol, e produzindo os effeitos que este genero theatral reclama, aqui está como se póde com todos estes elementos prestar um bom serviço a uma população inteira.

No **Paraizo de Lisboa** uma nova revista subiu á scena. E' de Penha Coutinho e Barbosa Junior, com musica de Hugo Vidal e Esteves Graça.

Tem 3 actos e 12 quadros, e se não apresenta novidades de maior, tem o que em geral tem as revistas: scenas desopilantes, quadros graciosos como o 1.º do 2.º acto e o penultimo do 3.º, busca para a direita, piada para a esquerda, este ou aquelle acontecimento commentado com ditos picantes, linguagem... a do costume.

Nestas condições, injustissimas fóram as manifestações da primeira noite, que só a um lamentavel *partis pris* podiam ser devidas e que duas coisas mostram infelizmente: que a auctoridade não sabe

Animatographos e outros espectaculos

O **Chiado Terrasse**, o **Salão da Trindade**, o **Foz**, o **Phantastico**, o **Olympia**, o **Central** são os mais elegantes salões de Lisboa, aquelles que o publico prefere, pelo seu conforto, pela exhibição das suas fitas animatographicas, aquellas que na actualidade mais interesse despertam, pelas scenas interessantissimas de variedades *Folies Bergères*, como no **Foz**, ou pelo interesse que desperta uma revista já consagrada como a do **Phantastico**.



O «Preto no branco» — Parodia politica

(Phot. de ***)

Estes são os espectaculos que no genero levam a palma aos outros, estes são os salões, predilectos do publico de Lisboa, que os enche todas as noites.